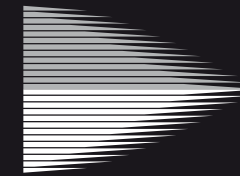




Sala do Tribunal antes das obras de remodelação do edifício



Museu do Douro

O MUSEU DO DOURO E A CASA DA COMPANHIA

TERCEIRO PISO

O último piso, nas águas furtadas, era uma área destinada aos aposentos de trabalhadores e aos vinicultores que para negociarem vinho necessitavam de se deslocar à Régua. As camaratas eram extensamente ocupadas em Fevereiro na feira anual dos vinhos. O espaço nas últimas obras foi reconvertido em gabinetes.



Corredor e divisão do terceiro piso antes das obras de remodelação do edifício, atual área de gabinetes do Museu do Douro



INFORMAÇÕES ÚTEIS

FUNDAÇÃO MUSEU DO DOURO

Rua Marquês de Pombal
5050-282 Peso da Régua

Telefone | 254 310 190

Fax | 254 310 199

E-mail | geral@museudodouro.pt

Coordenadas GPS

Latitude | 41.09'39.5N

Longitude | 7.47'26.100

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Horário de Inverno (novembro - março)

Terça-feira a domingo, 10h00 - 18h00

Horário de Verão (abril - outubro)

Todos os dias, 10h00 - 18h00

Encerrado

1 de janeiro, 1 de maio, 25 de dezembro

© FOTOGRAFIAS

Centro Português de Fotografia

Egídio Santos

Luís Ferreira Alves

Marco Aurélio Peixoto

EM CIMA

Vista geral de Douro
Matéria e Espírito,
exposição
permanente
Museu do Douro

CAPA

Museu do Douro



Projeto Cofinanciado por:



O MUSEU DO DOURO E A CASA DA COMPANHIA



A diferença de cotas entre a marginal e o edifício era ligada por um conjunto de rampas entre o patamar principal da casa e o pequeno cais de desembarque. Edifício da Real Companhia Velha, atual Museu do Douro

EM CIMA
Fachada norte do edifício na Rua Marquês de Pombal, período da Real Companhia Velha

Sala de provas, atual Wine bar

Sala de provas antes das obras de remodelação do edifício

EM BAIXO
Cubas metálicas no pátio central da Real Companhia Velha

A Casa da Companhia, que hoje alberga o Museu do Douro, é um dos mais emblemáticos edifícios da história da Região Demarcada. A sua construção está diretamente relacionada com a fundação da Companhia Geral da Agricultura e das Vinhas do Alto Douro que em 1756 criou a primeira zona vinícola regulada do mundo.

A Companhia foi responsável pela demarcação geográfica e regulação da produção e comercialização dos vinhos do Douro. Detentora do monopólio do “vinho do Porto”, para o administrar mandou construir este edifício sede, de monumentalidade reveladora do seu poder, no entreposto da Régua.

O edifício foi projetado para congregar diversas funções: Acomodava serviços administrativos que cumpriam as diretrizes reguladoras e comerciais da Companhia; um tribunal para tratar dos processos jurídicos da sua esfera legal; áreas de vinificação e armazenamento de vinho; e ainda alojamento temporário para funcionários e para os vinicultores do Douro, que rumavam à Régua para negociarem os vinhos na feira anual.

A vocação multidisciplinar do edifício conferiu-lhe características arquitetónicas particulares que combinam elementos das casas de quinta durienses e da arquitetura pombalina.

O programa arquitetónico é definido por um corpo único alongado em forma de U, com um pátio central, fixando nos dois pisos inferiores espaços de armazenamento de vinho e nos dois superiores os espaços administrativos. As fachadas são marcadas pela simetria com vãos em moldura de granito, as varandas em gradeamento de ferro forjado e pelas escadarias. O conjunto exprime a sobriedade e funcionalidade típicas da arquitetura pombalina.

A inscrição '1783' na entrada da fachada norte, leva a crer que parte da construção estaria concluída, mas as obras de grande envergadura terão continuado até ao século XIX. Várias fases de obras foram-se processando no edifício até ao século XXI, sem no entanto lhe alterarem significativamente a traça original.

Ao longo do século XIX a Companhia foi perdendo o monopólio e privilégios sendo extinta em 1863. O edifício passou depois a ser propriedade da empresa Real Companhia Velha que manteve as funções de armazenamento de vinho e serviços administrativos no edifício. Em 1997 com a criação do Museu do Douro iniciaram-se diligências para adquirir a Casa da Companhia para que acolhesse a sua sede. O projeto para remodelação e ampliação do edifício foi iniciado em 2007 e concluído em 2008. O edifício encontra-se em processo de classificação patrimonial.



PRIMEIRO PISO

A fachada principal do edifício é naturalmente voltada para o rio que era a grande via do comércio do vinho. Como o primeiro piso era originalmente destinado ao armazenamento de vinho, um conjunto de rampas estabelecia a ligação entre o edifício e a zona ribeirinha. Daqui seguia o vinho por barco para o Porto e daí para os vários destinos de exportação.

No centro da planta existia um grande pátio aberto que foi posteriormente fechado com uma cobertura metálica, preparando-o também para armazenamento. Com as obras do museu o antigo pátio passou a ser um dos principais espaços de exposição, albergando atualmente a exposição permanente.

SEGUNDO PISO

O segundo piso é a parte nobre do edifício. O acesso principal era feito pela fachada sul através das duas escadarias, mas também pelo lado norte, na atual Rua Marquês de Pombal. Aqui estavam as salas de reuniões, de exposição de vinhos, escritórios, um tribunal e o salão nobre. Neste piso destacam-se: o antigo salão nobre - que mais tarde foi sala de provas, e hoje é o *bar de vinhos*; e a sala do tribunal. Esta última ainda mantém os armários originais cujas portadas de madeira têm os nomes das freguesias da região, onde eram arquivados os respetivos processos. Este espaço recebe várias atividades do museu e a exposição anual do Serviço Educativo.

Neste piso existia uma grande cozinha, que ainda hoje é utilizada pelo restaurante do museu.



Edifício da Real Companhia Velha, atual Museu do Douro

Sala do Tribunal antes das obras de remodelação do edifício